



ENCRUZILHADAS DE BARRO E ÁGUA: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA VISITA TÉCNICA À GALERIA OCRE E AO ATELIÊ DE ELOISA TREGNAGO

ANA LARA MACHADO BORGES¹; PALOMA NOGUEIRA GOMES OSCHIRO²;
MIGUEL LISBOA FURTADO³; MARIANA MOREIRA SILVA⁴; AYRA FILIPE
OSCHIRO DE JESUS⁵;

PAULO RENATO VIEGAS DAMÉ⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – analarambs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – paloma.noggomes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– miguelofurtado@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – moreiramarianapel@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – filipe.1303.jesus@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – damearte@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo desenvolve-se a partir de uma visita técnica a Porto Alegre, realizada em 18 de julho de 2024, em que foram feitas visitas ao ateliê da escultora Eloisa Tregnago e à Galeria Ocre – onde algumas esculturas da artista citada estavam expostas –, como espaço de aprendizagens diferentes às do ambiente universitário.

As visitas foram propostas pelo professor Paulo Damé, da Universidade Federal de Pelotas, a alguns participantes do Projeto de Extensão Encruzilhadas de Barro, como oportunidade de expandir as possibilidades em relação ao fazer cerâmico, às mostras artísticas e ao trabalho de arte local, além de demonstrar parte do desenvolvimento que o professor provoca em seus estudantes, que pode ser ilustrado pelo conceito de autonomia trazido por Freire em Pedagogia da Autonomia (1996): “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Desta maneira, destaca-se como não apenas dentro de nosso ambiente universitário, mas também a quilômetros dele, podemos aprender, crescer e conhecer a nós mesmos, aos outros e ao mundo, criando relações e trocas que acrescentam na experiência de cada um.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O roteiro para a visita técnica incluía: o encontro na manhã do dia no Centro de Artes da UFPel para embarcarmos no ônibus fornecido pela Universidade, a visita à exposição Lágrima, da escultora Eloisa Tregnago, na Galeria Ocre, depois almoço no Centro Histórico de Porto Alegre, visita ao ateliê da artista e a volta ao Centro de Artes, em Pelotas, ao fim do dia.

Como planejado, a viagem iniciou-se na manhã do dia 18 de julho às 7 horas, saímos do Centro de Artes com destino a Porto Alegre. Durante o trajeto, pudemos ver um pouco da situação do estado, que enfrentou, no período de abril a maio, uma das maiores enchentes da história do Rio Grande do Sul, fato que tornou-se ainda mais evidente ao chegarmos na cidade, pois pudemos observar nos prédios traços deixados pela água, que demarcam o nível do alagamento.

Nosso primeiro destino foi a Galeria Ocre, localizada no Centro Histórico de Porto Alegre. Lá conferimos a exposição Lágrima, de Eloisa Tregnago, que deveria

ter ocorrido em maio, mas foi transferida devido ao desastre climático que o estado sofreu. Fomos recebidos pelos funcionários do local, que distribuíram o texto curatorial Entre Águas, de Paula Ramos – crítica e historiadora da arte, professora do Instituto de Artes da UFRGS. Não houve mediação, propostas ou falas a respeito da exposição por parte da galeria, portanto a contextualização da mostra artística não continuou além do texto curatorial e as conversas que tivemos mais tarde com a escultora.

Durante cerca de 20 minutos, observamos as obras de Eloisa e dentre nós surgiu a indagação de como registrámos a visita. Concordamos em fotografar as obras, anotar e, especialmente, desenhar aquilo que víamos, entendendo que:

[...] a própria materialidade do desenho, ao mesmo tempo em que capta a ideia, faz-se ela própria pensamento desenhado na medida em que o exercício de desenhar é o exercício de um pensar desenhante. Esse pensamento que é desenho adquire, reflete, comunica, faz ver, por sua faculdade de ser desenho, a interioridade daquele que desenha (GODOY, 2009, p.175).

Também, durante a visita nos deparamos com a obra que dá nome à exposição Lágrima.

Nela, uma cabeça feminina robusta, de nariz acentuado, boca pequena e olhar distante e resignado, traz uma mancha no rosto: um filete escuro, largo e solitário, vertendo em meio ao mármore branco, pontualmente sob a representação do olho esquerdo (RAMOS, 2024).

Isto impulsionou uma conversa entre os estudantes do grupo e o professor Damé sobre a materialidade das esculturas e a técnica de talhar e lapidar as figuras sinuosas, delicadas, nas pedras rígidas. Além disso, desdobramos diversos sentidos dentro das materialidades, formas, aspectos, fisionomias e possibilidades que encontramos na exposição, como a relação com o momento catastrófico vivido no estado do Rio Grande do Sul no período de enchentes, e a tristeza retratada em “Lágrima”.

Após vermos as obras da artista, os funcionários nos conduziram para os outros espaços da galeria, dedicados ao acervo e escritório de vendas do local. Nestes espaços conferimos muitas obras de diversos artistas, porém nenhum deles possuía ficha técnica ou indicação de autor ou título. Assim, com certa pressa por parte dos internos do local, foi finalizada a visita, e o grupo se dirigiu ao centro da cidade para almoçar.

Após essa etapa da programação, o grupo visitou sebos, livrarias e bazares, e após isto se reuniu atrás do Farol Santander de Porto Alegre, onde esperou o ônibus, que serviria de transporte até o ateliê de Eloisa Tregnago, onde ela reside, e que anteriormente pertenceu a Xico Stockinger, um dos mentores do professor Paulo Damé.

O ateliê localiza-se a cerca de 15 minutos do centro histórico em uma área afastada do grande centro urbano, ele tem um espaço aberto cercado por muros altos e um grande jardim, não fomos recebidos pela artista que se atrasou devido a outros compromissos, isto nos deu a oportunidade de observar alguma obras de Xico Stockinger e de alguns de seus amigos artistas, algumas delas, que estavam espalhadas pelo terreno, estavam inacabadas. Durante este momento, conversávamos sobre possíveis novas peças cerâmicas, imaginávamos possíveis projetos, exposições, desenhos, esculturas, manifestos, enquanto passeávamos

pelo espaço expositivo. É possível afirmar que esta experiência, por se diferenciar muito da rotina comum das aulas do Centro de Artes, tornou-se, como Freire escreve, “uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir lição dada” (1996, p.42).

Após a sua chegada, Eloisa conversou conosco sobre sua trajetória profissional e pessoal, conduzindo-nos pelas áreas interna e externa da casa-ateliê, que possui também um enorme acervo de Xico. Ela nos contou que se formou em Letras, porém desistiu de seguir na área pois não desejava ser professora, então conheceu Xico em um curso de desenho e decidiu dedicar-se ao campo das Artes, até voltar-se exclusivamente à escultura. Curiosamente, Eloisa nos convidou a, depois de formados, passar um tempo com ela, como passou com Xico para, de forma semelhante, aprendermos as técnicas e práticas escultóricas, destacando que seria também uma oportunidade de aprendizagem para ela. Como Freire escreve: “Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (1996, p. 41) e assim, mesmo que anteriormente Eloisa tenha demonstrado desinteresse pela docência, de certa maneira busca este relacionamento com uma nova geração de escultores.

Ao fim da tarde nos despedimos e embarcamos no ônibus para retornar à cidade de Pelotas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visita técnica a Porto Alegre proporcionou uma experiência rica, ultrapassando os limites do ambiente universitário e destacando a importância do aprendizado prático para a formação integral. Conhecer o ateliê de Eloisa Tregnago e a exposição “Lágrima” possibilitou reflexões sobre a conexão entre arte e contexto recente, especialmente em relação às enchentes no Rio Grande do Sul.

As interações estimularam a criatividade do grupo e geraram diálogos entre arte e educação, reforçando que o ensino deve ser uma troca dinâmica.

Em síntese, a visita ampliou e abriu novos horizontes sobre o fazer escultórico e as expressões artísticas locais, evidenciando a importância de integrar ao ensino acadêmico os saberes e vivências humanos, gerando aprendizagens contínuas e reinventadas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, P. Ensinar não é transferir conhecimento. In: FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 2, p. 27 – 55.
- GODOY, V. O. Iberê Camargo e o desenho. In: GODOY, V. O. **Iberê Camargo. Influência é desenho.** UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. [Tese de doutorado], 2009. 2, p. 143 – 388.
- RAMOS, P. **Lágrimas.** In: Eloisa Tregnago. Ocre Galeria, Porto Alegre, 29 jun. 2024. Acessado em 08 out. 2024. Online. Disponível em: <https://ocregaleria.com.br/lagrima-eloisa-tregnago/>